

A caminho da Terra Prometida socialista

Um estudo sobre o discurso e a acção dos manipuladores de tabacos de Lisboa

Rui Manuel Brás*

Resumo: Os manipuladores de tabacos de Lisboa estiveram particularmente activos no movimento socialista dos inícios dos anos 1870. Nessa época faziam parte da *Fraternidade Operária*, uma organização com ligações à Internacional. Porém, seguiu-se um período de descrença na possibilidade de alcançar a “Terra Prometida” do socialismo através da estratégia definida pelos seus líderes. Tal não obsteu a que o socialismo se mantivesse como o discurso unificador dos operários dos tabacos, isto é, o ideal em torno do qual se uniram e mobilizaram estes operários para lutarem por um mundo melhor. Em geral, da forma como foi expressa pelos manipuladores dos tabacos, esta ideologia pode ser identificada com a corrente possibilista da Internacional, mas foi de alguma forma elaborada e adaptada às condições particulares dos operários tabaqueiros de Portugal.

Abstract: the present article has the finality to analyze the role of the three powers, executive, legislative and judiciary in the evolution of the affirmative actions policies in the United States of America, since their creation in 1950's until nowadays, with especial emphasis in the main institution of judiciary, the Supreme Court. Even though in the recent literature exists some enthusiasm in relation to the supposed republican virtues of the judiciary, vis-à-vis others powers, the analysis of the present example shows that Supreme Court, when compared to the actions of the executive and legislative, has not have a mostly decisive positive role. So, this institution many times has been against to the spreading and vaporization of the access to rights for the african-american minority.

Quem sinceramente deseja ver caminhar o operariado na senda do progresso, da sua libertação do regime capitalista, vai modestamente trabalhando pouco a pouco, teimando na luta encetada, esperançado que num futuro mais ou menos próximo, o operariado há-de enfim chegar à terra da promessa socialista.¹

I.

A acção colectiva operária visando a satisfação de reclamações que afectavam a vida quotidiana dos operários, não era desprovida de uma coerência conceptual que caracteriza todas as formas de experiências da classe operária. Ou seja, as ideias e as crenças estão inscritas no quotidiano dos operários, enformando culturalmente o conjunto da vida social. Por isso, a adopção de uma determinada ideologia, neste caso o socialismo, como discurso unificador de uma classe, neste caso a classe operária,² não foi imposta de fora, mas correspondeu à elaboração de um novo enquadramento simbólico e à representação que os operários faziam da realidade em que viviam. Procurar as formas simbólicas através das quais os operários dos tabacos experimentavam o mundo, é uma tarefa que implica ir para além do discurso e englobar todas as formas

*Investigador do Centro de Estudos de História Contemporânea Portuguesa (ISCTE) e docente do Instituto Português de Administração de Marketing.

¹ “Palavras Simples”, *A Voz do Operário*, nº935, 18º ano, 26-9-1897, p.1.

² Cf. Gribaudi (1987), p.169 e Auslander (1993), p.161.

inteligíveis doutras actividades, acontecimentos e instituições.

Estudar a ideologia é uma parte importante da experiência de classe que pretendemos descrever, como forma de compreender a emergência e o desenvolvimento da consciência de classe. A dificuldade maior está na reconstrução do discurso ideológico a partir de fontes fragmentárias, onde pretendemos encontrar uma coerência interna. Sendo nossa intenção perceber os operários como agentes activos e não como uma classe intelectualmente inerte e sujeita à imposição de construções ideológicas de teóricos burgueses, analisaremos todas as experiências como afirmações com sentido, como textos interrelacionados.

Começaremos pela abordagem da expressão escrita do socialismo, considerando-a como construção social e expressão da prática dos manipuladores dos tabacos, enquanto sector específico da classe operária portuguesa. Num segundo tempo, veremos como a posição ideológica e a acção desenvolvida na defesa dos seus interesses, influiu na integração dos tabaqueiros no movimento operário e socialista nacional.

II.

Os tabaqueiros constituíram uma das mais importantes secções profissionais da Associação Fraternidade Operária fundada em Janeiro de 1872, com cerca de 1640 inscritos, 960 homens e 680 mulheres.³ O entusiasmo que as ideias socialistas veiculadas pela Fraternidade Operária provocaram entre os manipuladores de tabacos, foi evidente em momentos como aquele em que, numa só assembleia, foram aprovados 590 novos sócios.⁴ Desde então, os operários dos tabacos identificaram-se e foram identificados com o socialismo.⁵

Vivendo nos anos 70 um processo de proletarização intenso, sem qualquer protecção coerente por parte do Estado numa fase em que as relações laborais eram más, o socialismo aparecia aos tabaqueiros como a ideologia que correspondia à sua representação da realidade e às expectativas para o futuro.⁶

Não podemos dizer que se tratava de uma ideologia claramente definida no pensamento dos dirigentes ou dos operários em geral. Seria um socialismo difuso, sem grande elaboração teórica, assente em princípios como a associação, a igualdade, a justiça e o orgulho da força produtiva.

Saídos de um regime de monopólio em que, apesar de tudo, alguns laivos de paternalismo da parte dos “caixas” (nome dado aos contratadores do tabaco) amenizavam as condições de vida,⁷ os operários confrontavam-se com um sistema baseado no egoísmo e na concorrência. O seu único suporte estava na associação, fosse ela a Fraternidade Operária ou a Associação União Fraternal dos Operários da Fabricação de Tabacos (UF), primeira associação de socorro mútuo dos tabaqueiros, fundada em 1863. Através dela, os operários acresciam a sua capacidade de cristalização identitária e representavam a sua autonomia cultural.

O sentimento de identidade cristalizado na “associação de classe” é uma componente fundamental da consciência de classe operária, que leva à resistência organizada dos que lutam contra a exploração, pela liberdade e pela respeitabilidade dos trabalhadores.

O processo de proletarização, durante o qual se desenvolve a consciência de classe, afecta o modo de vida, a cultura tradicional e a estrutura de solidariedades enraizada numa forma pré-capitalista de produção industrial. As solidariedades anteriormente limitadas ao quadro do ofício ultrapassam esses particularismos e

³ Goodolfim (1974), p.159. A Associação Fraternidade Operária foi fundada por iniciativa de Antero de Quental, Nobre França, José Fontana e Brito Monteiro, membros do grupo original que esteve na origem da criação da secção portuguesa da Associação Internacional dos Trabalhadores. O seu primeiro órgão de imprensa foi a revista *Pensamento Social*.

⁴ *Pensamento Social*, nº28, 1º ano, 27-10-1872, p.3.

⁵ “Juntamente com os chapeleiros, marceneiros e metalúrgicos, os tabaqueiros constituíram um dos mais sólidos apoios que o socialismo reformista, ligado a José Fontana e Luís Figueiredo, teve em Portugal”, Mónica (1992), p.39.

⁶ Até 1864, a indústria dos tabacos foi gerida em sistema de monopólio do Estado contratado com grupos de capitalistas. Desde o início do ano de 1865, a produção de tabacos foi liberalizada, originando a abertura de cerca de 40 unidades de produção de dimensão variável, das quais 18 em Lisboa. Após a tentativa frustrada de criação de um grémio em Agosto de 1887, o governo fez passar a lei de 22 de Maio de 1888 que pôs fim à liberdade de fabrico, passando a administração da indústria para as mãos do Estado. Foi o período da régie, de grande importância para a melhoria das condições de vida e de trabalho dos operários tabaqueiros. Em 1891, as necessidades financeiras do Estado português tornaram inevitáveis o regresso do monopólio contratado com capitalistas, neste caso a Companhia dos Tabacos de Portugal. Esta situação durou até 1927, quando os dirigentes da ditadura militar implantada a 28 de Maio do ano anterior, optaram por um regime de duopólio envolvendo a Companhia dos Tabacos e a empresa A Tabaqueira.

⁷ Foi o caso de Costa Lobo, um dos administradores mais elogiados pelos tabaqueiros. Quando abandonou as suas funções, um grupo de operários charuteiros dirigiu-lhe uma carta na qual o consideravam “um protector desvelado, a quem devemos talvez mais do que áqueles que nos deram a existência”, um “bom chefe”, “um modelo que deve servir de incentivo áqueles que, em igual posição, abusam do seu lugar, tornando-se déspotas opressores dos seus subordinados”, “um bom chefe e amigo”. Carta datada de 5 Maio in *A Federação*, nº33, Vol. II, 15-5-1858, p.3. A ele se terá ficado a dever a introdução do “rancho” (nome dado ao almoço) fornecido pela companhia, na fábrica de Xabregas. Cf. AVRJ, “Apontamentos para a história do operário”, *O Protesto*, nº323, VII ano, 23-10-1881, pp.1-2.

dão lugar à solidariedade de classe.

Sem o auxílio do Estado, os operários só podiam contar com a solidariedade para ultrapassar as dificuldades quotidianas, como a doença, a inabilidade ou a morte. As primeiras associações dos manipuladores de tabacos, como a já mencionada União Fraternal ou a Associação da Classe dos Manipuladores de Tabacos (ACMT), desempenhavam essas funções, nomeadamente na distribuição de benefícios. Neste sentido, exprimiam a comunidade moral deste grupo operário, ao unir os seus sócios através do auxílio mútuo e de laços que se prolongavam para lá da morte.⁸

Esta função da associação, a de *ensinar* e reforçar a solidariedade entre os operários e a de formar a identidade de classe, era essencial para a defesa perante o inimigo – o capital. Só através da união na associação, os tabaqueiros teriam a capacidade para defrontar semelhante poder e prosseguir o caminho da sua emancipação:

A união pela associação, só ela pode, e só ela tem força de terminar essa árdua guerra do capital com o trabalho e promover a nossa emancipação que tanto precisamos. Mas para isso é mister a *União*, é mister que todos se unam pelos sagrados laços da inseparável fraternidade, que se alistem debaixo da nossa bandeira, porque ela tem por divisa a igualdade, fraternidade e justiça.⁹

A igualdade, a fraternidade e a justiça eram os conceitos inscritos na bandeira associativa.

A igualdade entre todos os Homens, porque todos podem ser úteis à sociedade humana. Por maioria de razão, os operários, os detentores da força de trabalho, hábil, criadora de riqueza, não deveriam ser desconsiderados por aqueles que, por uma razão ou por outra, enriqueceram com o seu trabalho. O trabalho, liberto pelo Iluminismo dos constrangimentos ideológicos a que estava preso, era finalmente entendido como motor da Humanidade:

A classe operária desempenha um importante papel no teatro do mundo porque dela derivam todas as outras. É fora de toda a dúvida que é pelo trabalho que o homem se nobilita e immortaliza, porque é ele que constitui a riqueza e a opulência das nações. É o trabalho a causa primordial de todo o movimento e a mola real da civilização e do progresso, porque é ele que põe em prática a ciência humana, a qual, sepultada na mente não era mais de que uma fantasia e um ideal irrealizável¹⁰

O trabalho é sinónimo de criatividade e emanção do sublime. O operário manual não podia ser tratado como um escravo, até porque também era capaz de ter talento. O manipulador de tabaco Pedro José de Carvalho não escrevia poesia e peças de teatro? Não havia outros envolvidos na representação teatral ou na música? Esta era uma prova da capacidade de elevação dos trabalhadores. Tudo dependia de lhes darem as condições para que esse talento desabrochasse. Condições de igualdade ao nível da instrução, por exemplo:

Dizem esses desumanos potentados pretendendo justificar o seu repreensível procedimento, que cada um tem o direito de viver com a grandeza e a decência relativas à sua posição. Mas quem os elevou a esse estado de grandeza não fomos nós os operários? Certamente que sim, porque o capital procede ou deve proceder do trabalho. Nós que lhes proporcionamos todas as comodidades não teremos direito a gozar também algumas, e a mandarmos educar os nossos filhos? O talento não é privilégio dos ricos, e por isso se os filhos do povo fossem instruídos como deviam ser não se perderiam algumas inteligências que passam despercebidas por não serem cultivadas¹¹

Daí a importância que a instrução teve para a classe operária, e em particular para os manipuladores de tabacos, criadores dessa grande instituição do ensino que foi a Sociedade de Instrução e Beneficência “A Voz do Operário”, cuja primeira escola foi inaugurada em 11 de Outubro de 1891.¹²

Chegando a ter mais de três mil alunos de ambos os sexos em escolas espalhadas por toda a cidade no

⁸ Em Portugal, as “associações de classe” conjugavam a função de socorro mútuo e a função sindical. Muitas vezes nascidas a partir de associações mutualistas, evoluíram no sentido de se tornarem verdadeiros sindicatos. A Associação de Classe dos Manipuladores de Tabacos de Lisboa foi fundada no início dos anos 80, em estreita relação com o jornal A Voz do Operário e a sociedade de instrução e beneficência com o mesmo nome.

⁹ “Divagações”, A Voz do Operário, nº80, 3º ano, 24-4-1881, p.2.

¹⁰ Custódio Braz Pacheco, “Os operários”, A Voz do Operário, nº1, 1º ano, 11-10-1879, p.3.

¹¹ Idem, ibidem.

¹² A Voz do Operário, nº625, 13º ano, 18-10-1891, p.4.

¹³ “Sociedade de Instrução e Beneficência A Voz do Operário”, A Voz do Operário, nº1358, 27º ano, 5-11-1905, p.2.

início do século XX,¹³ a “Voz do Operário” tornou-se um símbolo do direito à instrução para todos, mesmo (ou principalmente...) aqueles que não tinham condições económicas para estudar ou pôr os seus filhos a estudar. Através da sua obra, os manipuladores de tabacos procuravam distribuir a luz da instrução aos que eram vítimas da injustiça que caracterizava a sociedade capitalista.¹⁴

Apesar da retórica socialista apelar à igualdade, como no caso do acesso à instrução, a sua ética universalista não incluía as mulheres. Ao excluir as mulheres da primeira associação da classe, a União Fraternal, os seus dirigentes perpetuavam a ideia segundo a qual a actividade pública era codificada como masculina, o que mostra que neste caso a cultura operária estava em conformidade com a cultura nacional.¹⁵ As distinções de género em que essa ideia assenta representavam a mulher como pertencendo à esfera privada e como um ser emocional, fraco e dependente.

Se bem que na ACMT a participação feminina fosse permitida e até incentivada, o momento de viragem na posição das mulheres nas “associações de classe” dos manipuladores de tabacos ocorreu durante a Primeira República (1910-1926). Desde a implantação do novo regime, mais exactamente a partir de 1914, começamos a encontrar operárias eleitas para cargos de relevo. Para isso terá contribuído o aumento do peso numérico das mulheres na mão-de-obra tabaqueira e a sua cada vez maior importância económica.¹⁶

O capitalismo era visto como um sistema onde a justiça não podia existir. Baseado na concorrência que podia levar ao encerramento de fábricas, à falta de trabalho e à degradação da condição dos operários, como os manipuladores de tabacos cedo compreenderam desde 1865, o capitalismo levava ao egoísmo e à imoralidade.

Através das acções colectivas, os trabalhadores tentavam equilibrar um pouco os pratos da balança, mas isso não chegava. Uma outra solução era a possibilidade de fugir à proletarização através do cooperativismo.

Esta forma de associação, não muito bem vista em alguns meios socialistas, satisfazia pelo menos alguns sectores qualificados que, como os charuteiros, sentiam a sua posição ameaçada pela proletarização. A organização do trabalho que a cooperativa prometia evitaria o *caos* da concorrência capitalista, o desenvolvimento do trabalho assalariado e a total desqualificação do ofício, num quadro colectivo e não individualista. Este esforço para manter as tradições artesanais e fugir às imposições da lógica do mercado teve vários episódios, todos eles instáveis e de curta duração entre os manipuladores de tabacos.¹⁷

A primeira tentativa data de 1870 e o seu objectivo era apenas o de reunir fundos para emprestar aos associados mediante o pagamento de um pequeno juro. A única cooperativa que tinha por objectivo a produção de tabacos foi a “Progresso e Trabalho”, fundada em 1876 por Júlio Maria da Costa, Eusébio Luís de Paula e Joaquim José da Rosa. Meio e não fim, a cooperativa voltou a ser equacionada como solução para os operários grevistas da Regalia em 1882 e, para escândalo de outros socialistas, foi apresentada por Corregedor da Fonseca nas páginas da *Voz do Operário*, como a “base de toda a organização operária”.¹⁸

Fosse como fosse, a cooperativa acabou por não vingar como alternativa ao sistema capitalista entre os manipuladores de tabacos.

A conquista da justiça passava, então, por outros meios.

Não pela guerra de classes que levasse à aniquilação de uma pela outra. Não era esse o tipo de socialismo defendido pela Fraternidade Operária, nem pelos manipuladores de tabacos.

Em Portugal não há guerra de classes, e não será o socialismo que virá declarar a guerra social. Nutrimos a esperança de que assim continuará a suceder. (...) Não se cavou ainda como nos países industriais um abismo insuperável, e cada vez mais fundo entre pobres e ricos. Não há hostilidade entre classes. Há

¹⁴ A Sociedade “A Voz do Operário” ainda existe e mantém uma escola devidamente integrada no sistema de ensino português.

¹⁵ Sobre a fraternidade como forma sócio-cultural de solidariedade e comunidade explicitamente masculina, ver Aminzade (1999), pp.103-104

¹⁶ A primazia coube à Associação de Classe do Pessoal dos Tabacos, na qual aparecem as primeiras mulheres escolhidas como delegadas, se bem que ainda suplentes: Olímpia dos Santos e Maria Gracinda Donas. Logo no ano seguinte, 1915, esta passou a delegada efectiva. Na Associação de Classe dos Manipuladores de Tabacos, a mais antiga, as mulheres entraram para cargos nos corpos gerentes mas apenas em 1918: Amélia Maria dos Santos foi eleita 1ª secretária da mesa da Assembleia Geral. Entre 1914 e 1926, dezoito mulheres ocuparam cargos de responsabilidade nas associações de tabaqueiros. Esta tendência não seria contrariada nos primeiros anos do Estado Novo: nas direcções dos sindicatos nacionais de 1933 e 1936, encontramos doze mulheres, quatro delas antigas dirigentes da ACMT.

¹⁷ Segundo Jürgen Kocka, na Alemanha dos anos 60 e 70 do século XIX, entre os sectores atraídos pela ideia cooperativista, incluíam-se os impressores, os alfaiates, os sapateiros e também os operários dos tabacos. Cf. Kocka (1984), p.102. Para Portugal, e no mesmo período, temos, além dos tabaqueiros, os casos dos fundidores (“Indústria Social”) e dos sapateiros (“União Operária”).

¹⁸ Ver a reacção in O Protesto Operário, nº7, II ano, 22-4-1883, p.4.

pelo contrário dumas para outras uma benévola aceitação, que ainda não podem anular completamente as modernas invasões do feudalismo capitalista e da agiotagem crescente.¹⁹

Assim se escrevia n' *O Pensamento Social*, órgão da Fraternidade Operária, em 1872, marcando uma ideia que continuaria a ser defendida pelos tabaqueiros durante décadas, segundo a qual a conquista da justiça não implica a destruição do capital, mas antes a possibilidade de harmonizar o trabalho e o capital.

Em 1887, apelava-se à Companhia Nacional de Tabacos:

deve harmonizar o capital trabalho com o capital monetário, porque a aristocracia de um não é inferior à aristocracia do outro, e repartindo com aqueles que os ajudam a enriquecer não faz mais do que o seu dever, é preciso que se fraternize o capital com o trabalho, e cesse essa exploração assaz indigna que outra coisa não é mais do que um odioso que já há muito devia ter acabado.²⁰

Retomando o tema da nobreza do trabalho, mas sem a retirar ao capital, fazia-se a apologia da conciliação das classes. Este conceito seria retomado em 1895, agora já de novo sob o monopólio, em documento enviado ao Conselho de Administração da Companhia dos Tabacos de Portugal (COTAPO): “A classe dos manipuladores de tabaco tem o maior respeito pelo digníssimo Conselho de Administração e pela lei, e o seu mais ardente desejo consiste em harmonizar quanto possível os interesses do capital com os do trabalho”.²¹

Não havia sonhos de expropriações, nem sequer de partilhas de riqueza com os operários. Desejava-se a igualdade e a justiça sem tirar nada a ninguém, mas dando aos que trabalham aquilo a que têm direito por Natureza: “Não queremos dizer com isto que os ricos repartam os seus haveres bem ou mal adquiridos conosco, o que desejamos é que não seja tudo para o capital monetário e nada para o capital trabalho, que haja justiça e equidade, que não vivam os ociosos na opulência e os que trabalham na miséria, e, finalmente, que deixem de haver escravos e senhores”.²²

Harmonizar as classes para trazer a justiça à sociedade. Nesse processo, a união dos operários na associação seria a solução quase milagrosa nesta “nova cruzada” que os operários encetavam:

Se assim fizermos, aparecerá depois ante essa cáfila devoradora que nos arranca a vida por qualquer moeda, aparecerá, dizíamos, o fruto do nosso trabalho – a Moral! Se, assim mesmo a sua raiva exploradora não transigir, acharemos ainda o fruto da Moral – a Revolução! Com este recurso derradeiro teremos refreado a sanha aos danados, e colocá-los-emos, mansos e moralizados, ao nosso lado, ao lado dos trabalhadores – no campo da Igualdade!²³

A vitória pela moral ou pela revolução seria o resultado inevitável do trabalho associativo, mas uma vitória pacífica através da igualdade de todos os Homens. Era a “insurreição pacífica do proletariado” que se adivinhava, o triunfo da justiça através da moral.

Há uma quase inevitabilidade nestas palavras: a causa é justa, o bem deve triunfar, por isso a felicidade virá naturalmente.

Era uma “cruzada” inspirada nos princípios da justiça e da humanidade, não contra os capitalistas mas contra um sistema:

Enquanto uns dispõem de tudo a seu belo prazer, outros, o grande número, os que trabalham, esses passam uma vida cruel de misérias e provações. Mas o verdadeiro mal está não nos homens, mas sim na organização da sociedade; é ela que faz destas aberrações, em que uma pequena minoria maneja a grande massa do povo acorrentada há longos séculos, obedecendo-lhe cegamente.²⁴

O que estava em causa era a organização económica e social de que os homens eram vítimas. Essa devia ser modificada, passando a obedecer a outras regras que não as do mercado, mas sim as da economia moral e do direito natural.

O socialismo não seria uma vingança mas um meio de transcender a exploração e criar uma sociedade justa. O socialismo traria não a guerra mas a paz, não o ódio mas a harmonia universal, a justiça, a igualdade e a fraternidade. Semelhanças com a religião cristã no conteúdo e na forma: “Desejo, esperança ou sonho,

¹⁹ “Paz aos Homens”, *O Pensamento Social*, nº6, 1º ano, Março 1872, p.1.

²⁰ “Monopólio do tabaco”, *A Voz do Operário*, nº380, 8º ano, 6-2-1887, p.1.

²¹ “Classe de manipuladores de tabaco”, *A Voz do Operário*, nº801, 16º ano, 3-3-1895, p.1.

²² Custódio Braz Pacheco, “Os operários”, *A Voz do Operário*, nº1, 1º ano, 11-10-1879, p.3.

²³ *O Pensamento Social*, nº40, 2º ano, 19-1-1873, p.

²⁴ “A situação do operariado perante as classes superiores”, *A Voz do Operário*, nº882, 17º ano, 20-9-1896, p.1.

o socialismo quer paz: diremos melhor, o socialismo não só oferece a paz, *vem ele trazer-vos a paz*. Vem anunciar-vos – a boa-nova: vem dizer-vos os meios práticos pelos quais podeis realizar o pensamento de amor do Divino Mestre. Como ele, o socialismo vos afirma que a sua doutrina se contém nesta palavra: *Amai-vos uns aos outros*”.²⁵

A genealogia cristã era assumida de forma evidente pelos primeiros socialistas. O socialismo era o novo evangelho, um quinto evangelho que trazia a via prática para completar o caminho iniciado por Cristo.

Qual era essa via? Era a conquista do mundo pelo trabalho e pela palavra, não pela força: “pelo trabalho e pela palavra temos a força precisa para sacudirmos o jugo de ferro que nos quiserem impôr”.²⁶ A revolução assumia deste modo a forma de um fenómeno religioso e político que seria levado a cabo pela pregação, pelo exemplo moral, pela conversão espiritual.

Nessa missão, o operário tornava-se o apóstolo do novo evangelho. Tal como aos seus seguidores Cristo enaltecera a humildade, a bondade e o desapego dos bens materiais, também o difusor do socialismo devia ser um exemplo de moralidade em toda a sua vida. Só assim poderia a sua palavra ter valor junto dos trabalhadores:

O dever dos seus propagadores sinceros e justos, deve consistir na verdadeira orientação às classes proletárias, dando-lhe uma feição nobre e justa, a fim deles compreenderem o caminho das suas reivindicações e oferecerem uma sólida resistência às ganâncias do capital que as explora. Para se propagar o socialismo, para se ser amigo da humanidade, é mister que se tenha um coração bem formado, uma alma generosa e desinteressada, propensa ao bem, não trocar a modéstia pela vaidade e proceder lealmente. Assim as classes proletárias seguirão de boa fé os apóstolos devotados que lhe apareçam, caminharão avante, seguindo os seus amigos, os amigos da humanidade; escutar-lhe-ão com interesse os seus conselhos e saberão cumprir estritamente o seu dever, qual é o da sua emancipação.²⁷

O militante socialista seria o portador da nova mensagem de esperança na perfectibilidade do Homem: a igualdade, a justiça, a fraternidade, a paz, eram possíveis dentro de um quadro ideológico de crença na capacidade do ser humano para se aperfeiçoar e aperfeiçoar a sociedade em que vivia.²⁸

Esse dia parecia próximo nos anos 70 do século XIX. Havia uma quase certeza de que a redenção, ou seja, a emancipação dos trabalhadores, estava para breve sob a acção da Internacional e da Fraternidade Operária:

Quando entrámos no movimento operário, em 1872, entusiasmados com as teorias socialistas, que para nós surgiam como raios vermelhos em alvorada de Maio, julgámos, com a ingenuidade dos poucos anos e a crença no ideal que abraçámos, que a hora redentora para o operariado ia prestes soar, que a exploração do homem pelo homem breve acabava, que o reinado da justiça em pouco tempo seria um facto.²⁹

À crença no triunfo rápido do socialismo sucedeu-se a desilusão. Não o abandono do ideal, mas o desânimo pela impossibilidade de conseguir o que parecia tão perto.

Os manipuladores de tabacos, tão importantes no seio da Fraternidade Operária, abandonaram-na na sequência da derrota da greve da fábrica Luso-Britânica em 1873.³⁰ Esta derrota fez com que os líderes tabaqueiros tomassem consciência de que a estratégia reivindicativa e grevista até então seguida, havia conduzido os trabalhadores a um beco sem saída. O processo de modernização da indústria prosseguia, a introdução da mão-de-obra feminina lançava cada vez mais operários no desemprego, o capitalismo parecia cada vez mais forte.

A crise que abalou o movimento operário nos anos seguintes correspondeu também a um período de reflexão para alguns militantes. Os caminhos a seguir para que o socialismo triunfasse não podiam repetir os erros da Fraternidade Operária. A euforia do início dos anos 70 deu lugar a uma acção que se pretendia mais reflectida, mais realista, pelo menos na vertente do socialismo que predominou entre os manipuladores de tabacos.

²⁵ “Paz aos Homens”, *O Pensamento Social*, nº6, 1º ano, Março 1872, p.1.

²⁶ Custódio Braz Pacheco, “Os operários”, *A Voz do Operário*, nº1, 1º ano, 11-10-1879, p.3.

²⁷ “O 1º de Maio e os manipuladores de tabaco”, *A Voz do Operário*, nº1070, 21º ano, 29-4-1900, p.2. Comparar com as palavras de S. Paulo in 2 Tim 2, 3-13.

²⁸ “A situação do operariado perante as classes superiores”, *A Voz do Operário*, nº882, 17º ano, 20-9-1896, p.1.

²⁹ “Palavras simples”, *A Voz do Operário*, nº935, 18º ano, 26-9-1897, p.1.

³⁰ “Um esclarecimento”, *A Voz do Operário*, nº706, 14º ano, 7-5-1893, p.2.

O socialismo reformista, com o acento tónico na luta económica, continuou a ser o discurso unificador dos tabaqueiros, nomeadamente nos anos 80 e 90 do século XIX. Nesse período de resignação e aceitação, os operários tomaram consciência de que a profecia socialista se não cumprira, o capitalismo parecia estar para ficar. Mas a identidade de interesses entre patrões e operários que vimos nascer no período da administração do Estado (1888-1891), não implicou que estes aceitassem a economia liberal.³¹ Nunca tendo pugnado pelo radicalismo, os manipuladores de tabacos optaram por uma via mais negocial e reformista, que permitisse melhorar de imediato a sua condição. A aceitação da partilha dos lucros poderá ser um sinal dos compromissos feitos: os operários beneficiavam com a divisão da riqueza que eles próprios produziam, abdicando, pelo menos no momento, de quaisquer ideias de subversão da sociedade. Com esses compromissos, escreveu um operário, os tabaqueiros podiam não ter alcançado a felicidade, mas estavam melhor do alguma vez haviam estado.³²

Da mesma forma que a via negocial não destruiu a capacidade de luta, também achamos que não impossibilitou que os operários dos tabacos continuassem a ter uma ideologia socialista. Mesmo não esperando o triunfo da revolução para breve, o socialismo continuou a ser o discurso unificador, e serviu de base ideológica à contestação sempre que o paternalismo foi posto em causa: a justiça, a igualdade e a fraternidade (ou solidariedade), continuaram a ser parte integrante do discurso dos tabaqueiros pelo menos até aos anos 30 do século passado.

III.

Contudo, a opção reformista implicava dificuldades no seio do movimento operário para quem a escolhia. O seu desinteresse pela questão do poder político e a concentração dos seus esforços na luta económica, provocavam polémica e a oposição dos que se consideravam os *verdadeiros* socialistas.

As divergências ideológicas entre a ala sindical e a ala política do movimento socialista são ineludíveis e podem ser acompanhadas em sucessivos artigos publicados na *Voz do Operário* e no *Protesto Operário*.

Os defensores da corrente política acusavam os dirigentes associativos dos manipuladores de tabacos de não terem uma posição ideológica bem definida, de cederem ao capitalismo. Em comentário a um artigo de Braz Pacheco³³ no qual que este se afirmava republicano na política e socialista na economia, escreve-se no jornal do Partido Operário Socialista:

Quando se trata de política, é *republicano*, defende o capital, a supremacia burguesa; quando se trata de operários é *socialista*, defende o trabalho e a supremacia do povo trabalhador. (...) *republicanos* TODOS NÓS O SOMOS; mas que aqueles que só se contentam com a forma republicana, continuam a querer na essência as coisas tais quais estão, isto é – a supremacia do capital; e que os que trabalham pelo triunfo do socialismo querem não só a república, mas também a supremacia do trabalho, com todas as suas consequências.³⁴

Não havia conciliação possível – ou se era pelo trabalho ou pelo capital:

A aliança deste com aquele, é impossível; pois que dessa aliança resultaria a existência dos ricos e pobres, de servos e patrões, de governados e governantes, tal qual hoje existe, e, portanto, a miséria, a dependência e a servidão. Todo o partido, pois, que for pelo capital, será contrário aos operários, quer ele seja republicano unitário, oportunista, federalista, radical, o que lhe chamarem; e assim, também, todo o partido que for pelo trabalho, será contrário aos capitalistas, e só pode ser socialista.³⁵

As posições assumidas pelos manipuladores de tabacos em relação ao movimento operário ajudaram também a que se lançasse a suspeita sobre o valor da sua adesão ao socialismo.

As acusações de isolacionismo, de falta de solidariedade e de defesa de interesses corporativos,

³¹ A lei de 22 de Maio de 1888 consagrou direitos essenciais para os operários: os delegados dos operários seriam ouvidos para a elaboração do regulamento fabril, estabeleceu-se uma caixa de reformas, a garantia de 8 horas de trabalho diário, a partilha dos lucros, a necessidade de motivo justificado para o despedimento de um trabalhador, entre outras medidas.

³² “A régie”, *A Voz do Operário*, nº516, 10º ano, 15-9-1889, pp.1-2.

³³ Custódio Braz Pacheco foi um dos fundadores do jornal dos manipuladores de tabaco, *A Voz do Operário*, e membro da sua redacção desde o primeiro número. Politicamente activo pelo menos desde 1860, desempenhou também vários cargos na União Fraternal e na “associação de classe”. Faleceu em Dezembro de 1883.

³⁴ “Os manipuladores de tabaco”, *O Protesto Operário*, nº29, II ano, 23-9-1883, p.1.

³⁵ *Idem*.

generalizaram-se ao longo das duas últimas décadas de Oitocentos.

Depois do perturbado Congresso das Associações de Classe de 1892 no Porto, jamais as associações de manipuladores de tabacos voltaram a enviar delegados a qualquer congresso operário.³⁶ Se bem que reconhecendo “a conveniência da federação, que bem organizada é útil”, os dirigentes associativos consideravam haver assuntos mais prementes a tratar e a Federação das Associações de Classe foi votada ao desprezo.³⁷

A esta decisão juntava-se o desinteresse dos manipuladores de tabacos pela participação nas comemorações do 1º de Maio organizadas pela União operária. Desde 1899, os manipuladores de tabaco deixaram de nomear delegados à organização da manifestação e em 1900 não participaram mesmo no desfile.³⁸

Em contrapartida, os operários dos tabacos prestavam homenagem a Oliveira Martins, Augusto Fuschini e Dantas Baracho, inaugurando os seus retratos na sede da “associação de classe”, em agradecimento pelas suas intervenções em benefício dos operários no período da administração estatal, no parlamento ou no tribunal arbitral.³⁹ Não participavam nas manifestações do 1º de Maio, um “ritual da classe operária”, mas incluíam-se nas cerimónias fúnebres do rei D. Luís ou exprimiam a intenção de se incorporar no cortejo cívico em homenagem a Camões.⁴⁰

Esta participação nos rituais cívicos revela o desejo de integração por parte deste sector da classe operária, de obtenção de uma justiça mais simbólica do que real, pois durante essas cerimónias ser-lhe-ia concedido reconhecimento e estatuto social e o seccionalismo do trabalho dissolver-se-ia na ordem social.

O crescente afastamento dos manipuladores dos tabacos em relação ao movimento operário foi criticado pela Federação das Associações de Classe e por dirigentes do Partido Socialista Português (PSP) no início do século XX.

Em resposta a um pedido de apoio formulado pelos manipuladores de tabaco do Porto preocupados com as possíveis consequências negativas da renegociação do contrato de arrendamento do monopólio, o socialista António Marques afirmou que “a classe dos manipuladores de tabaco tem fugido à acção colectiva do operariado organizado na luta contra o capital. Sentiu-se bem com as garantias que lhe deu o antigo contrato e isso bastou, para que fizesse causa à parte do resto da organização operária”. Por isso, e pela posição partidária que seguia, rejeitava qualquer apoio aos manipuladores de tabaco que tencionavam entregar uma representação ao Rei. Bento da Cruz classificou os tabaqueiros “de incoerentes e ingratos para com o partido operário, razão porque nem a despeito do próprio espírito de solidariedade se colocará ao lado deles”.⁴¹

São tomadas de posição relativas aos tabaqueiros do Porto, mas que se podem generalizar aos da capital. A estas críticas juntavam-se outras relativas às associações operárias que preferiam aproximar-se de indivíduos que, por mais socialistas e amigos da classe operária que se dissessem, eram partes integrantes da classe burguesa.

³⁶ O Congresso das Associações de Classe de 1892 ficou marcado pelas divergências entre marxistas, possibilistas, autonomistas e anarquistas, acerca da manifestação do 1º de Maio. Os representantes das associações do sul do País abandonaram o Congresso e convocaram outro para Julho do mesmo ano, a realizar em Lisboa. Neste Congresso foi reafirmada a autonomia das associações operárias em relação aos partidos políticos, em especial o Republicano e o Socialista.

³⁷ “Classe dos manipuladores de tabacos”, *A Voz do Operário*, nº652, 13º ano, 24-4-1892, p.1. Na sessão da Federação de 29 de Julho de 1895, estiveram presentes os redactores dos jornais *A Obra*, *A Federação* e *A Voz do Operário*, esta representada por José António do Carmo. Cf. IAN/TT, Arquivo do PSP, Livro 1, “Livro de Ponto da Federação das Associações de Classe. 1895 e 1896”.

³⁸ Sobre as participações dos manipuladores de tabacos nas comemorações do 1º de Maio, ver Fonseca (1990). Em 1900, a ACMT decidiu apenas iluminar a fachada da sede no dia 1º de Maio. Cf. “Associação de Classe dos Manipuladores de Tabaco”, *A Voz do Operário*, nº1069, 21º ano, 22-4-1900, p.1.

³⁹ Oliveira Martins ganhou a simpatia dos tabaqueiros quando foi administrador geral dos tabacos entre 1889 e 1891. Ver as cartas assinadas por Saul Pacoldino Fernandes e outros dirigentes da ACMT datadas de 7 de Novembro de 1893 e 15 de Março de 1894 in Espólio de Oliveira Martins, Correspondência. Cartas a Oliveira Martins. 1367 e 1368. Ver ainda o elogio a Oliveira Martins após a sua morte, “Oliveira Martins”, *A Voz do Operário*, nº775, 15º ano, 2-9-1894, p.1. Fuschini teve várias intervenções no parlamento a favor dos manipuladores de tabacos, conseguindo que a garantia das 8 horas diárias ficasse consignada na lei de 1888, serviu em muitas ocasiões de conselheiro legal da ACMT e representou os operários no tribunal arbitral ao lado de Saul Pacoldino Fernandes. No dia 24 Abril de 1898 foi alvo de mais uma homenagem com a inauguração do seu retrato na sede da associação e a oferta de um quadro a óleo representando uma oficina de manipulação de tabaco, in “Associação de Classe dos Manipuladores de Tabaco”, *A Voz do Operário*, nº965, 19º ano, 24-4-1898, p.1. Dantas Baracho interveio na Câmara dos Pares em defesa dos interesses dos operários aquando do debate do novo contrato dos tabacos em 1906. O seu retrato foi inaugurado em finais desse ano. Cf. “Classe dos manipuladores de tabaco”, *A Voz do Operário*, nº1410, 28º ano, 4-11-1906, p.2.

⁴⁰ “Manipuladores de tabaco. Ainda a questão dos dias santificados”, *A Voz do Operário*, nº1651, 32º ano, 18-6-1911, p.2.

⁴¹ IAN/TT, Arquivo do PSP, Livro 8, “Actas da União do 1º de Maio. Março 1903 a Outubro 1905”, acta da Sessão de 10 de Outubro de 1904.

⁴² Eudóxio Azedo Gneco (1849-1911) – foi o principal dirigente da ala marxista do Partido Socialista. Em 1865 começou a trabalhar como gravador na Casa da Moeda. Militou no Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas, pertenceu à Maçonaria entre 1870 e 1873, tendo sido eleito Venerável da Loja Razão e Justiça. Em 1871 tornou-se membro da Internacional. No ano de 1873, este Português de ascendência italiana, foi eleito secretário-geral da secção portuguesa da AIT.

Foi esse o teor de uma intervenção de Azedo Gneco⁴² a propósito do anúncio da realização de um congresso de associações de classe, de cujas teses os relatores seriam Augusto Fuschini, João de Meneses e Sá Pereira:

Pois não vêm os senhores, aí pelas associações operárias estarem-se exaltando, glorificando burgueses, que jamais prestaram serviços dignos de preito à classe trabalhadora, e deixarem-se no olvido tantos e tão dedicados operários que têm levado a sua dedicação pela nossa causa até aos mais extremos esforços? Pois então faz-se um congresso de associações operárias e chamam-se a relatores das teses conselheiros de Estado e republicanos burgueses?⁴³

Palavras que não sendo directamente dirigidas à ACMT, também a podiam incluir como alvo, dadas as homenagens a que acima fizemos referência, e que reflectem a opção política dos manipuladores de tabacos no sentido de fazerem alianças com quaisquer indivíduos, mesmo da burguesia, que pudessem auxiliar na luta pela satisfação dos seus interesses materiais.

Anos mais tarde, em 1926, as críticas viriam de outro quadrante, dos partidários da Internacional Sindical Vermelha, mas o conteúdo seria o mesmo: o alegado corporativismo dos manipuladores de tabacos.⁴⁴

Este afastamento do movimento operário e socialista, não impediu os tabaqueiros de participar activamente em greves gerais e de solidariedade com outras classes após a implantação da República, e de receber a solidariedade dos ferroviários durante a greve na Primavera de 1918.⁴⁵

Mas o seu discurso ideológico não se alterou apesar das condições de maior conflitualidade vividas sob o regime republicano.

Na sessão associativa de 30 de Janeiro de 1912, Saul Pacoldino Fernandes considerou a greve geral “o facto mais grandioso modernamente produzido pelo operariado português”.⁴⁶ Defendeu o apoio à acção da União dos Sindicatos Operários, mas alertava para os perigos da “falta de organização sólida e material” do protesto e para o seu “carácter fugaz”. Este velho militante socialista ecoava a experiência dos anos 70 nas suas palavras: se a greve fosse vitoriosa, “será de extraordinária grandeza o passo dado na estrada do porvir; se se perder, é incalculável o desastre moral nas fileiras proletárias”. O dirigente tabaqueiro Joaquim José da Rocha, secundando as palavras de Saul, lembrou o exemplo da Fraternidade Operária e do papel que as greves impensadas e mal dirigidas haviam desempenhado no seu desmoronamento. Alertou ainda para os “especuladores políticos” que podiam aproveitar a greve geral em seu benefício.⁴⁷

O receio de que as greves mal preparadas pudessem pôr de novo tudo em causa e a desconfiança em relação à política, eram questões que se enquadravam no discurso socialista reformista que os tabaqueiros defendiam.

Desde cedo que a recusa da mistura da política com a luta sindical fez parte do discurso dos manipuladores de tabacos. Na apresentação de *A Voz do Operário*, afirmava-se a independência em relação aos partidos políticos e dizia-se em relação ao periódico recém-nascido: “Não lhe ensinamos política porque para o mister a que se propõe não precisa dela”.⁴⁸

Neste aspecto, verifica-se uma grande coerência dos tabaqueiros. Apesar de elementos dirigentes da “associação de classe” terem actividade política em agrupamentos próximos ou aderentes ao Partido Socialista, a resistência à confusão dos campos económico e político foi constante. A propósito de uma reunião contra o grémio dos tabacos em 1887 escreveu-se na *Voz do Operário*: “Em todos os trabalhos da comissão de Lisboa

⁴³ IAN/TT, Arquivo do PSP, Livro 8, “Actas da União do 1º de Maio, Março de 1903 a Outubro de 1905”, acta da sessão de 10 de Outubro de 1904.

⁴⁴ “A questão dos tabacos”, *A Internacional*, nº65, ano III, 15-5-1926, pp.1,3.

⁴⁵ A 1ª República Portuguesa durou entre 5 de Outubro de 1910 e 28 de Maio de 1926 e, nos seus primeiros anos, foi marcada por uma forte conflitualidade operária. A República foi derrubada por um golpe de Estado militar que originou um período de ditadura militar até 1933. Nesta data, com a entrada em vigor da nova Constituição, inicia-se o período do Estado Novo que, sob a direcção de Salazar (1933-1968) e de Marcelo Caetano (1968-1974), perdurou até ao golpe militar de 25 de Abril de 1974 que restabeleceu a democracia.

⁴⁶ Saul Pacoldino Fernandes, operário charuteiro, foi um dos mais importantes dirigentes das associações de tabaqueiros. Desde 1882 exerceu vários cargos na Associação União Fraternal, na Sociedade “A Voz do Operário”, na Associação de Classe dos Manipuladores de Tabaco e na Associação de Socorros Mútuos União Fraternal. Em 1903 foi presidente da direcção da Sociedade “A Voz do Operário” e entre 1912 e 1920 ocupou o cargo de presidente da comissão administrativa da “associação de classe”. Foi eleito membro do Conselho Federal do Partido Socialista, com voto consultivo, e membro do Conselho Central, no 1º Congresso realizado em 1877. Morreu em 1922.

⁴⁷ “Manipuladores de tabaco”, *A Voz do Operário*, nº1684, 33º ano, 4-2-1912, p.3.

⁴⁸ *A Voz do Operário*, nº1, 1º ano, 11-10-1879, p.1.

⁴⁹ “A questão do tabaco e os manipuladores”, *A Voz do Operário*, nº409, 8º ano, 28-8-1887, pp.1-2.

⁵⁰ Cf. Michelle Perrot (2001), p.643.

houve sempre o cuidado de afastar os estranhos das suas reuniões por causa dos políticos que quisessem especular com a questão”.⁴⁹ Este desejo de autonomia reflecte o medo do operário de ser apanhado, desviado do campo de luta que conhece – o das relações laborais –, forma elementar de consciência de si comum às classes operárias ocidentais.⁵⁰ A política era mal vista pelo operário manipulador de tabaco de Lisboa porque era um factor de divisão, enquanto o económico e o social uniam. O exemplo vinha dos seus companheiros de indústria no Porto que, deixando-se guiar por interesses políticos, acabavam por ser usados na luta pelo poder, sofrendo na carne a repressão policial sem, no fim, ganharem nada com isso: “alguns manipuladores que curavam mais dos interesses da política do que com os da classe, ou mesmo porque se tinham comprometido para com os políticos, lançaram mão da vilania da companhia e arrastaram os seus companheiros à praça pública a fazer arruaças que teve o desastroso fim que todo o público conhece, dos últimos acontecimentos do Porto”.⁵¹

IV.

Tendo como matriz comum às suas variantes a procura da justiça social, o socialismo foi o discurso de resposta ao processo de proletarização adoptado por vários sectores da classe operária que interiorizaram os seus valores alternativos democráticos, igualitários e colectivistas. Fizeram-no porque o socialismo, sendo uma construção social, como todas as ideologias, foi uma criação colectiva de que a teoria foi a fixação em palavra escrita do que era sentido, vivido pelos indivíduos no seu quotidiano.

O socialismo foi, assim, o discurso unificador da classe operária na sua luta pela justiça. No entanto, a elaboração do discurso é feita por “comunidades discursivas”⁵² que adequam o seu conteúdo de modo a tornar-se inteligível, persuasivo e capaz de ajudar a consolidar e a preservar o grupo. Não podemos, por isso, falar de um discurso comum a toda a classe operária, mas sim de um discurso com uma matriz comum, a justiça social, adaptado aos indivíduos que compõem esse grupo e reflectindo os contextos sociais em que os seus autores escrevem.

Os manipuladores dos tabacos são um exemplo de como o socialismo foi aplicado de forma criativa às condições específicas da indústria, às relações sociais de produção e às relações com o Estado.

Como discurso unificador destes operários, isto é, como ideologia através do qual se mobilizaram e lutaram pelos seus interesses, o socialismo foi elaborado pelos líderes da “associação de classe” que, nesse sentido, funcionou como comunidade discursiva deste sector operário, como mediadora na interpretação colectiva na base dos interesses partilhados. Foi a associação e não um partido político que liderou a contestação à cultura hegemónica e aos interesses das classes dominantes. Os dirigentes associativos puseram os seus conhecimentos teóricos ao serviço da elaboração de uma forma de socialismo cuja retórica, se bem que com características universais, adquiriu formas particulares adaptadas ao contexto em que foram escritas.

Uma dessas características universais é a tradução dos problemas económicos enfrentados pelos operários em questões ideológicas e políticas claras, definidas na linguagem de classe. Desse modo, o socialismo coloca as queixas dos operários numa base moral de certo e errado, de justo e injusto. Faz também apelo a uma retórica cristã, ao messianismo e à fé milenarista na libertação. É um exemplo de como os dominados podem utilizar a linguagem dos dominadores de modo a reverter o seu significado.⁵³ É ainda um exemplo de como a religião se manteve como força cultural em interacção com outras áreas da vida, da civilização e da história, de como os usos da crença religiosa se renovaram em vez de desaparecerem, como alegam os defensores da tese do declínio irreversível da religião desde o século XVIII.⁵⁴

Os manipuladores de tabacos adaptaram o socialismo à defesa dos seus interesses e à forma como viam a sua relação com as classes dominantes e o Estado. A burguesia em si não era vista como uma inimiga. Pelo contrário, os operários tabaqueiros procuraram aliados em personalidades que se auto-intitulavam socialistas, como Fuschini e que, graças à posição que ocupavam no aparelho de Estado, podiam contribuir para proteger aquele sector operário.

A indústria dos tabacos, pela sua especificidade no contexto económico e político de Portugal no período considerado, levou os operários a verem no Estado uma força universal que incorporava o interesse

⁵¹ “A questão do tabaco e os manipuladores”, *A Voz do Operário*, nº409, 8º ano, 28-8-1887, pp.1-2. O movimento de protesto dos tabaqueiros do Porto de Março de 1887, saldou-se pela prisão de vários operários e o despedimento de dezasseis. Inicialmente estava previsto o despedimento de cento e cinquenta trabalhadores. Sobre as origens do movimento e as manobras políticas, cf. Verdial, “Manifesto ao público e aos manipuladores de tabaco”, *A Voz do Operário*, nº408, 8º ano, 21-8-1887, pp.2-3.

⁵² Auslander (1993), p.161.

⁵³ Cf. Pocock.

⁵⁴ Cf. Nash (2004), p.309.

nacional e não os interesses de uma classe. Assim, o Estado não era um inimigo, mas um possível aliado que tinha até obrigação moral de proteger os operários das consequências do sistema económico assente na exploração do trabalho assalariado.

Na construção do discurso unificador dos manipuladores dos tabacos, os seus dirigentes associativos tiveram em conta uma análise realista das condições objectivas e subjectivas dos contextos, e das forças e fraquezas do próprio movimento operário. Eles souberam moderar ou radicalizar esse discurso consoante as circunstâncias o exigiam ou permitiam. Integrados na corrente do socialismo reformista, os tabaqueiros deram provas de um “profundo realismo” que funcionava como uma espécie de instinto de conservação socialmente construído.⁵⁵ Para estes trabalhadores a paixão devia dar lugar à razão na liderança do processo de emancipação da classe operária. O caminho para a Terra Prometida seria, afinal, muito longo.

Fontes consultadas

1. Biblioteca Nacional

A. Arquivo Histórico-Social

Núcleo “Confederação Geral do Trabalho e Outros Organismos Sindicais”.

Núcleo “Congressos Operários Nacionais” .

Núcleo “Educação e Cultura”.

B. Espólio de Oliveira Martins

“Correspondência de Oliveira Martins. Cartas a Oliveira Martins”.

2. Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo

Arquivo do Partido Socialista Português

Livro nº1, “Livro de ponto da Federação das Associações de Classe. 1895-1896”.

Livro nº8, “Livro de actas da União do 1º de Maio. Março de 1903 a Outubro de 1905”.

3. Publicações em série

3.1. Periódicos dos manipuladores de tabacos

A Voz do Operário (1879-1929) – órgão dos manipuladores de tabaco.

O Eco dos Tabacos (1932-1933) – órgão da Associação de Classe do Pessoal dos Tabacos.

3.2. Imprensa operária, sindicalista e partidária.

A Bandeira Vermelha (1919-1921) – órgão da Federação Maximalista Portuguesa.

⁵⁵ Pierre Bourdieu, *O Poder Simbólico*, p.141.

A Batalha (1919-1926) – órgão da União Operária Nacional e mais tarde da Confederação Geral do Trabalho.

A Federação (1856-1865) – “folha industrial dedicada às classes operárias”

A Internacional (1923-1931) – Propriedade do Comité Executivo dos partidários da Internacional Sindical Vermelha.

O Pensamento Social (1872-1873) – órgão da Fraternidade Operária.

O Protesto (1876-1878, 1881-1882) – jornal socialista.

O Protesto Operário (1882-1894) – órgão do Partido Socialista. Resultou da fusão dos jornais *O Protesto* (Lisboa) e *O Operário* (Porto).

4. Publicações institucionais

4.1. Inquéritos, legislação e estatísticas oficiais

Administração Geral dos Tabacos (1889), *Leis, Decretos e Regulamentos*, Lisboa, Imprensa Nacional.

- (1889), *Relatório do Conselho de Administração (1888-1889)*.

- (1890), *Relatório do Conselho de Administração (1889-1890)*.

- (1890), *Regulamento Orgânico*, Lisboa, Imprensa Nacional.

Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria. Direcção Geral do Comércio e Indústria (1887), *Inquérito Sobre as Condições do Trabalho Manual nas Fábricas de Tabacos e Situação dos Respectivos Operários*, Lisboa, Imprensa Nacional.

5. Referências bibliográficas

AMINZADE, Ronald. “Class Analysis, Politics, and French Labor History”. In: Lenard R. Berlanstein (ed.), *Rethinking Labor History*. Urbana e Chicago, University Illinois Press, 1993, p.90-113.

AUSLANDER, Leora. “Perceptions of Beauty and the Problem of Consciousness: Parisian Furniture Makers”. In: Lenard R. Berlanstein (ed.), *Rethinking Labor History*. Urbana e Chicago, University Illinois Press, 1993, p.149-181.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Miraflores, Difel, 2001.

FONSECA, Carlos da. *O 1º de Maio em Portugal. 1890-1990. Cónica de um século*, Lisboa, Antígona, 1990.

GOODOLFIM, José Cipriano da Costa, *A Associação. História e Desenvolvimento das Associações Portuguesas*. Lisboa, Seara Nova, 1974 [1876].

GRIBAUDI, Maurizio. *Itinéraires Ouvriers. Espaces et Groupes Sociaux à Turin au Début du XX^e Siècle*, Paris, Éditions de l’École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1987.

KOCKA, Jürgen. “Craft traditions and the labour movement in nineteenth-century Germany”. In: Pat Thane,

BRÁS, R. M. A caminho da Terra Prometida socialista...

Geoffrey Crossick, Roderick Floud (ed.), *The Power of the Past*. Cambridge, Cambridge University Press, 1984.

MÓNICA, Maria Filomena. *O Tabaco e o Poder. 100 Anos da Companhia dos Tabacos de Portugal (COTAPO)*, Lisboa, COTAPO/Quetzal Editores, 1992.

NASH, David. "Reconnecting Religion with Social and Cultural History: Secularization's Failure as a Master Narrative", *Cultural and Social History*, Vol. 1, n. 3, 2004, (p.302-325).

PERROT, Michelle. *Les Ouvriers en Grève. France 1871-1890*. Paris, Éditions de l'EHESS, 2001.

POCOCK, J.G.A. The concept of a language and the *métier d'historien*: Some Considerations on Practice. In: Anthony Pagden (ed.), *The Language of Political Theory in Early Modern Europe*.

“Entre a cólera e o ódio”: justiça popular e assassinatos no sudoeste do Paraná (1920-1930)¹

*Aruanã Antonio dos Passos**

Resumo: O artigo discute a relação entre a justiça popular (linchamento e outras) e a violência na região sudoeste do Paraná, nos anos anteriores à “efetiva” colonização da região (mais especificamente entre 1920-1930). Busca-se compreender de que forma, com quais condições e quais relações se estabeleceram entre um sistema punitivo-repressivo (aparelho judiciário) que conviveu com a violência popular. Para tanto, a análise do Processo contra um habitante da região e seu filho (Pacífico de Pinto Lima e José de Pinto Lima) transcorrido em 1920 na Comarca de Clevelândia, é capaz de demonstrar as dificuldades que o aparelho judiciário encontrou. Desse modo, as considerações de Michel Foucault sobre as instituições punitivas e as de Hannah Arendt sobre a violência, são capazes de auxiliar na compreensão de uma sociedade por vezes, estigmatizada pelo esquema de análise que compreende a violência na região como reflexo e efeito da luta pela terra.

Palavras-chave: justiça popular, violência, sudoeste do Paraná.

Abstract: The article argues the relation between popular justice (lynching and others) and the violence in the southwestern region of the Paraná, in the previous years to the “effective” settling of the region (more specifically between 1920-1930). One searches to understand of that it forms, with which conditions and which relations if they had established between a punitive-repressive system (judiciary device) that it coexisted the popular violence. For in such a way, the analysis of the Process against an inhabitant of the e region its son (Pacífico de Pinto Lima and José de Pinto Lima) occurrence in 1920 in the Judicial district of Clevelândia, is capable to demonstrate the difficulties that the judiciary device found. In this manner, the consideration of Michel Foucault on the punitive institutions and of Hannah Arendt on the violence, are capable to assist in the understanding of a society for times, interpreted for the project of analysis that understands the violence in the region as reflected and effect of the fight for the land.

Key-words: popular justice, violence, southwest of the Paraná.

Para Suzana, Sergio, Hanaurã e Aline.

Ocupação e colonização: os lugares da violência

A história do sudoeste do Paraná possui em si mesma um estigma de violência e um curioso paradoxo. Desde o momento em que se pode precisar a região foi motivo de desentendimento, exploração, cobiça e sofrimento. Alguns estudos importantes buscaram analisar a relação entre os homens e a violência na região². No entanto, a maioria desses estudos se concentrou na relação da violência com a disputa pela terra que remonta pelo menos ao século XIX. Argentinos, paranaenses, catarinenses, caboclos e índios já disputaram

* Discente da Universidade Federal do Paraná.

¹ Este texto resulta, com algumas alterações, de parte de monografia de conclusão de curso a ser apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, e intitulada “Debaixo das Penas da Lei”: Justiça e Violência no Sudoeste do Paraná (1920-1930)”.
² Dentre eles: COLNAGHI, Maria Cristina. Colonos e Poder: a luta pela terra no sudoeste do Paraná. Curitiba/ Universidade Federal do Paraná (Dissertação de Mestrado): 1984. REGO, Rubem Murilo Leão. Terra da violência: estudo sobre a luta pela terra no sudoeste do Paraná. São Paulo: Universidade de São Paulo (Dissertação de Mestrado): 1979.